

FH abre a porta de saída

Não me lembro de presidente mais ausente e desinteressado de campanha eleitoral do que o FH do desligamento tático e intencional com que se preservou nos dois turnos da eleição municipal. Além do anúncio do voto no candidato do PSDB para prefeito de São Paulo, acompanhando o vôo tucano de Geraldo Alckmin para o antimalufismo do discreto apoio a Marta Suplicy, e de alguns palpites em conversas que vazaram nas inconfidências dos boquirrotos, pode-se dizer que o presidente Fernando Henrique Cardoso não foi visto nem ouvido durante a campanha.

Votos apurados, conhecidos os eleitos, feito o balanço de vitoriosos e derrotados, o presidente deu o ar de sua análise comparecendo à sala de imprensa do Palácio do Planalto para espontânea entrevista coletiva. Não tinha nada de novo a dizer. O que não significa que seu pronunciamento pudesse ser dispensando. Ao contrário, mesmo para repetir o óbvio, o que todo mundo sabia ou esperava, o presidente deu o recado correto, reconhecendo as vitórias do PT, passando a mão pela cabeça quente dos aliados, valorizando sucessos setoriais e manifestando a determinação de dar aos eleitos, sem distinção partidária, o tratamento isento como convém à decência republicana.

Entender os complicados meandros da alma humana é desafio para os especialistas. Claro que o presidente não escolheu o seu caminho, cumprindo o roteiro com tais minúcias que programou viagens ao exterior para ausentar-se fisicamente do país durante quase toda a campanha do segundo turno, inspirado por única e linear razão. Pesaram na decisão o cuidado de evitar as denúncias da oposição, a cautela de driblar a recusa da presença em maré de impopularidade, aliviada pelos sinais de recuperação, e mais uma dezena de bons conselhos que desfilaram na consulta ao travesseiro.

Espiando a distância que permita enxergar o conjunto, abrangendo a paisagem, o fundo do quadro, a ampla visão panorâmica, prestando atenção aos detalhes, dá para arriscar o palpite de que o presidente começou a executar os primeiros passos para a despedida. Entrou no corredor de dois anos e dois meses que leva à porta de saída.

Ora, não é provável, porque não seria racional, que cultive planos de voltar à militância política. Presidente de inéditos dois mandatos consecutivos, estreado a reeleição que articulou em causa própria, na casa da sabedoria dos setenta, não faz sentido imaginar que arme estratégias para disputar, daqui a seis anos, mandato de senador ou o delírio do FH-2006. Com a velocidade alucinante das mudanças no quadro político e a clara evidência de profundas transformações nos próximos anos de turbulência é impossível traçar esquema para amanhã.

Depois, francamente, para quê? O presidente cumpriu seu destino político, aproveitou as oportunidades, fez o que quis com o apoio e os votos da base parlamentar que cultivou, tratando os fiéis a pão-de-ló e atraindo os hesitantes com os paparicos conhecidos e prepara a despedida para esperar e torcer pelo julgamento da História.

Sair bem, de mansinho, pisando no tapete macio é o projeto que começou a executar, com as correções de rumo anunciadas. Os ambiciosos planos para os próximos dois anos de multiplicados investimentos na área social, melhorando os serviços essenciais nas grandes cidades, a atenção aos dramáticos problemas de segurança urbana, especialmente nas faixas de pobreza extrema da periferia e das favelas são retoques no retrato para pendurar na sala.

Apostando na sorte e nos indicadores econômicos, espera a ajuda da melhoria das condições de vida da classe média, formadora tradicional de opinião, e dos pobres para os aplausos ou o silêncio quando empunhar a maçaneta para escancarar a porta do adeus.

O tratamento correto aos governadores e prefeitos do PT e da oposição contribuirá para o desarmamento das prevenções. A prioridade anunciada dos petistas é de consolidar as vitórias com o êxito das administrações do modelo do partido, com a implantação dos programas fundamentais do orçamento participativo, da bolsa-escola, da renda mínima, da transparência na prestação das contas públicas. A oposição precisa da boa vontade federal e uma munheca ensaboa a outra.

Ao longo do ano que vem, começos de 2002, dependendo do desempenho do governo e da conjuntura internacional, é possível que o projeto do adeus seja cumprido. No crepúsculo do mandato, a conversa é outra. Imprevisível. Mas Fernando Henrique sabe como quer sair.